

A Arqueologia e o Ensino do Latim: Algumas Sugestões Práticas

*Carlos Fabião**

"Entre os Romanos e nós, um abismo foi cavado pelo cristianismo, pela filosofia alemã, pelas revoluções tecnológica, científica e económica, por tudo o que constitui a nossa civilização. E é por isso que a história romana é interessante: obriga-nos a sair de nós próprios e a explicitar as diferenças que nos separam dela."

VEYNE, P. *O Inventário das Diferenças*, p. 9.

1. Considerações preliminares

O estudo das Sociedades Clássicas constitui um campo fascinante de encontros inter e pluridisciplinares de extraordinárias virtualidades pedagógicas. De facto, dificilmente se pode conceber um campo de investigação onde se cruzem tantos feixes de interesse, desde a Filosofia à Matemática, passando pela Arquitectura e Belas Artes, pelo Direito, pela Linguística, pela História, etc...

Tal diversidade afigura-se fundamental, particularmente nestes tempos de ensino(s) especializado(s), visto que pode transmitir aos discentes uma noção de interpenetração de campos disciplinares e uma mundividência, bem diversa da frequentemente transmitida, onde o ensimesmamento numa micro-especialização é arvorado em suprema virtude.

No entanto, e apesar destas potencialidades, os Estudos Clássicos, em Portugal, vivem uma situação de crise. Infelizmente, mesmo entre os seus investigadores e docentes a terrível "virose" da hiper-especialização tem atacado fortemente, não sendo raro encontrar estudiosos que, dizendo-se interessados pela História Antiga, menosprezam - ou, no mínimo, manifestam escasso conhecimento sobre - os dados carreados pela investigação arqueológica e vice-versa. Tal situação, diga-se, em nada contribui para o desenvolvimento das respectivas disciplinas que, embora manipulando fontes de natureza diversa, deveriam, no essencial, buscar um mesmo objectivo: a recuperação do passado. Não falemos, também, dos estudos sobre a obra de determinado autor, que se constroem pela erudita pesquisa das suas fontes, pela criteriosa análise da sua estilística, mas

* Assistente de Arqueologia Clássica do Departamento de História da Faculdade de Letras de Lisboa. Investigador da UNLARQ (Unidade de Arqueologia) do CAH (Centro de Arqueologia e História).

manifestam fraca apetência por indagar o ambiente social e cultural que a gerou.

Não serão certamente estas as razões da crise em que se encontram os Estudos Clássicos, mas parece-me evidente que em nada contribuem para a sua superação.

Esta crise manifesta-se, em primeiro lugar, por um crescente afastamento entre a população estudantil e o "Mundo Clássico", para usar uma expressão cómoda. Há uma evidente dificuldade de comunicação entre os investigadores e docentes das disciplinas relacionadas com a cultura Greco-Latina e os jovens actuais. Será interessante tentar diagnosticar as suas causas e, em conformidade com tal diagnóstico, ensaiar algumas propostas alternativas de re-encontro entre estes dois mundos, o Clássico e o actual, com particular atenção ao mundo romano, por razões de ordem prática.

No essencial, a crise passa, em minha opinião, por um problema de "imagem". O "Mundo Clássico" não é atractivo para os jovens actuais; e não o é, basicamente, porque lhe falta "espessura" material e coordenadas contextuais. Procurarei, seguidamente, explicitar estas ideias, propondo uma revisão de perspectivas de abordagem e problematização, a utilizar no âmbito do ensino da língua latina, pelo recurso aos dados proporcionados pelo quotidiano dos seus utilizadores.

Se a renovação do ensino do Latim passou pela adopção de textos mais "ágeis", próprios do ensino das chamadas línguas vivas que, naturalmente, remetem crescentemente para situações correntes do quotidiano, penso que só haverá vantagens no aprofundamento deste tipo de abordagem, pelo recurso a dados complementares que acentuem essa vertente mais "viva", daí a sugestão da utilização de dados de natureza arqueológica. Por outro lado, penso que o exemplo proporcionado pela evolução recente da Arqueologia Clássica, como disciplina científica, poderá constituir um interessante tema de reflexão.

Mas, antes de mais, ensaiemos o diagnóstico da situação actual. Naturalmente, não julgo possuir a "fórmula mágica" que permite ultrapassar barreiras e vencer distâncias. Todavia, face à crise existente, é bem possível que o ensaio de novas abordagens permita, pelo menos, obter resultados diferentes.

2. A "Imaterialidade" do "Mundo Clássico"

O principal factor de desencontro entre a população estudantil actual e o "Mundo Clássico" radica na aparente "imaterialidade" deste último. Gerações de neo-humanistas empenharam-se, amorosamente, em construir uma visão estereotipada do legado Clássico, onde constantemente se sublinham as realidades greco-latinas que estão na génese dos fenómenos actuais que lhes são supostamente análogos. Demasiadas vezes se insiste no que se julga constituir a "modernidade" da Cultura Clássica, quando, para os estudantes, a justificação dessa aproximação não resulta evidente, a não ser ao nível da caricatura, como é

praticada nas bandas–desenhadas de Astérix ou nas super–produções de Hollywood. No entanto, nestas, o "Mundo Clássico" não passa de um cenário exótico, onde evoluem pessoas actuais, com sentimentos actuais e comportamentos actuais.

Em outros casos, insiste–se no que supostamente seriam os "valores Universais" da Cultura Clássica, quando, no fundo, só com excessiva boa–vontade poderemos insistir em tal "Universalidade". De facto, na maior parte dos casos, o que existe é, simplesmente, uma sobrevivência de conceitos, com conteúdos claramente distintos.

Por outro lado, fala–se demasiado em "época romana", "período romano" ou "Império Romano" como se de um período, época ou Império estático e desprovido de um devir próprio se tratasse; e este é, infelizmente, um defeito em que incorrem, inclusivamente, obras de natureza histórica, que tinham a obrigação de o não fazer. É como se as épocas de Cícero, Trajano, Diocleciano ou Constantino fossem a mesma, portadora dos mesmos valores e das mesmas realidades materiais. A consulta de boa parte das obras de divulgação deixa–nos a espantosa ideia de que a história do Mundo Romano se resume à singela máxima do velho bibliotecário do Xá agonizante: nasceu, amou e morreu (FEBVRE, 1977: 42). Isto é, partiu do velho berço nas margens do Tibre, conquistou o "mundo", conheceu o esplendor e, depois, a decadência...

Finalmente, tudo o que manipulamos do legado Clássico resulta sublime ou "decadente", numa dicotomia que mais não faz que acentuar a sua "imaterialidade". O aluno é convidado a apreciar as grandes produções literárias e artísticas, a deslumbrar–se com a sumptuosidade cenográfica da arquitectura monumental dos centros urbanos, os delicados pavimentos musivos. Nada nesse legado evoca a presença humana, tudo remete para uma espécie de "Idade do Ouro", onde, paradoxalmente, os seus próprios agentes tinham consciência de não habitar. Não se sente a respiração humana neste estranho "Universo" de formas.

Aquilo que defini como "imaterialidade do Mundo Clássico" radica basicamente neste conjunto de factores: tentativa forçada de sugerir uma identidade entre aquele e o "nosso" Mundo; numa descontextualização efectiva, quer de um ponto de vista geográfico, quer numa perspectiva cronológica, do Mundo Clássico, remetendo–o para uma espécie de "limbo" acrónico.

Naturalmente, a alternativa consistirá em inverter todas estas perspectivas, daí a escolha da pequena citação de Paul Veyne que serve de epígrafe ao presente texto.

3. Algumas Propostas de "Contextualização"

Esboçado o "diagnóstico" da situação, e partindo do princípio de que naqueles "males" radica o afastamento entre o Mundo Clássico e as gerações actuais, partamos para as propostas concretas.

Em primeiro lugar, seria indispensável sublinhar as diferenças. Explicar aos discentes que as Sociedades Clássicas constituem realidades distantes e "exóticas". Tão distantes e "exóticas" quanto o são as Sociedades Pré-Históricas. Constituem uma espécie de sedimento de base da Cultura Ocidental, mas não mais do que isso. Com esta atitude gera-se, em primeiro lugar, a atracção pelo diferente, o fascínio da alteridade; para não dizer que nos colocamos numa postura mais consentânea com a rigorosa abordagem histórica destas Sociedades...

Em segundo lugar, há que conferir "espessura" diacrónica às Sociedades Clássicas. Explicar que elas não se constituíram de uma vez, nem permaneceram estáticas e uniformes ao longo dos séculos. Como realidades humanas que são, constituem estruturas dinâmicas, em constante mutação. Em seguida, passando do geral ao particular, haveria que fornecer coordenadas de índole biográfica aos diversos autores tratados. Explicar quem eram e porque escreviam o que escreveram, quais os seus enquadramentos, preconceitos e expectativas. Não será, obviamente, fácil fazê-lo. Mas, neste caso, destinos individuais e colectivos podem ser mesclados e cada autor seria apresentado como um representante de interesses e perspectivas próprias do grupo social a que pertencia.

Finalmente, propor a descoberta do quotidiano das populações lusitano-romanas ou galaico-romanas, insistindo no facto de elas constituírem a resultante de um processo de aculturação, onde se fundiram, num processo secular, influências diversificadas. Uma vez mais, parece-me de toda a vantagem insistir na componente diacrónica deste fenómeno de progressiva assimilação, quanto mais não seja para lhe conferir verosimilhança.

Sublinhe-se que esta transformação de perspectiva corresponde, no fundo, à evolução que a Arqueologia Clássica, como disciplina científica, conheceu desde as suas remotas origens até à actualidade, pelo que se afigura interessante, expo-la em breves linhas.

Numa primeira fase, que podemos fazer remontar, genericamente, ao Humanismo europeu, a recuperação do legado literário Clássico estimulou o interesse dos estudiosos pelas "antiguidades", com especial preferência pelas obras esteticamente relevantes, pelas lápides epigrafadas e pelas moedas. Em qualquer dos casos, a presença da palavra escrita ou a atracção pelo "belo" constituíam as condições básicas da recolha. Foi ainda por estes motivos, que alguns artefactos de uso quotidiano foram recolhidos e conservados, designadamente algumas cerâmicas finas ou lucernas, que ostentavam decorações moldadas.

A primeira grande transformação na atitude dos estudiosos e, diga-se, de um público de instrução mediana também, ocorreu nos finais do século XVIII, com a revelação dos dados obtidos nas escavações de Herculano e Pompeia, as primeiras iniciadas em 1738, as segundas em 1743. Nas cidades sepultadas pela erupção do Vesúvio, o público foi confrontado, pela primeira vez, com o quotidiano de uma cidade antiga: a padaria, a taberna, a "lavadeira", etc.. Os próprios eruditos passaram a dispor de registos escritos de características completamente diferentes: os papiros, os *tituli picti* nas paredes das ânforas, os *grafitti* eleitorais, e não só, etc... É certo que este conjunto de dados sobre o quotidiano aparecia associado a muitos outros, de carácter extraordinário, que "obscureciam" a sua relevância, designadamente os frescos das paredes, a estatuária, a arquitectura pública e doméstica. No entanto, este primeiro encontro entre as populações europeias e a vida material comezinha dos seus "antepassados" romanos teve um efeito fortíssimo.

Ao longo do século XIX e mesmo nas primeiras décadas do actual, a Arqueologia Clássica continuou, sem dúvida, dominada pelo interesse por estruturas monumentais, objectos esteticamente relevantes, inscrições, moedas; contudo, a proliferação de investigações incidindo em realidades muito diversificadas foi modificando um pouco a atitude dos arqueólogos. Paralelamente, o desenvolvimento da Arqueologia Pré-Histórica que, sem registos escritos de referência, procurava refinar cada vez mais as suas estratégias de abordagem aos antigos habitats e necrópoles, bem como os métodos de que se socorria, foi demonstrando como se podia recuperar uma realidade desaparecida, pelo recurso a uma cuidada recolha dos seus vestígios materiais. Este exemplo acabou por "contaminar" os arqueólogos do período Clássico, fazendo-os atender a muitos dados que anteriormente desprezava, mas que se revelam extremamente úteis à recuperação das sociedades que estudam e ao seu enquadramento ecológico.

No fundo, o que hoje é recuperado no decurso de uma escavação arqueológica de qualquer realidade do período Clássico, é infinitamente mais rico e interessante, justamente porque o arqueólogo re-centrou a sua atenção nos dados do quotidiano anónimo das populações. Naturalmente, tal atitude não implica um menosprezo pelos dados esteticamente relevantes ou portadores de registos escritos, coloca-os, contudo, no seu devido lugar, isto é, entre as produções de carácter extraordinário gerados por uma sociedade "imersa" numa infinidade de gestos, atitudes e comportamentos repetitivos, sem dúvida menos vistosos, mas muito mais interessantes para a sua compreensão global. Diga-se que esta transformação se enquadra, também, no processo de transformação que a Historiografia europeia deste século conheceu e que seria fastidioso estar a descrever pormenorizadamente.

O que aqui proponho, afinal, é um pouco a adequação do ensino do Latim a

estas novas perspectivas historiográfica e arqueológica. Naturalmente, neste contexto, a utilização de outros textos, como os epigráficos, de diferentes tipos, constitui um vector fundamental, de que se ocupará, no âmbito deste colóquio, Amílcar Guerra. Há, todavia, um espaço próprio e pleno de potencialidades para a utilização dos dados arqueológicos, justamente numa perspectiva de enquadramento contextual das sociedades Clássicas.

Exposta a "tese" passemos, então, á enumeração de algumas sugestões práticas.

4. Sugestões Práticas

No conjunto das sugestões práticas, que se propõem em conformidade com o atrás exposto, caberá, em primeiro lugar, incluir nas abordagens expositivas, teóricas, alguns dados sobre o quotidiano das populações romanas. Para esse efeito, apresentam-se no final algumas sugestões bibliográficas. Julgo de toda a conveniência fazer acompanhar essas exposições de abundante material iconográfico, que poderá ser encontrado nas obras referidas.

Ainda dentro das sugestões de índole genérica, aconselha-se a visita ao museu e ruínas da cidade de *Conimbriga*, ao Museu Nacional de Arqueologia e/ou a outros museus locais e regionais ou a sítios arqueológicos da área onde se encontra a escola. Infelizmente, no nosso país não são muitos os museus regionais e os sítios arqueológicos visitáveis e, diga-se também, poucos assumem o didactismo do de *Conímbriga*. No entanto, julgo ser vantajosa a visita a diferentes sítios, para não insinuar a falsa ideia de que o "Portugal Romano" é somente a cidade das imediações de Condeixa.

Esta diversificação de visitas abre caminho a uma outra aproximação às realidades do Mundo Clássico, realizável e atractiva, que consistiria no reconhecimento físico da presença dos vestígios romanos. Neste particular, em cada cidade ou região, os professores de Latim, em colaboração com os docentes de outras disciplinas, poderiam ensaiar um esboço de "Inventário Arqueológico", a desenvolver em dois níveis. Em primeiro lugar, pela visita e reconhecimento dos vestígios conhecidos, podendo-se recorrer para o efeito à bibliografia disponível que, uma vez mais, se apresenta no final; aos serviços culturais autárquicos, visto que muitas Câmaras Municipais dispõem já de serviços específicos de Arqueologia; ou, em última análise, ao Departamento e Divisões de Arqueologia do Instituto Português do Património Cultural, cujos endereços se apresentam também no final. Há ainda a possibilidade de, com a colaboração de arqueólogos locais ou de docentes de História, envolver os estudantes em programas de Prospecção de vestígios arqueológicos ou mesmo em escavações, caso as haja em curso na região.

Através destes esboços de "Inventário Arqueológico" os alunos seriam chamados a reconhecer a presença física do "Mundo Romano" na sua própria cidade ou região, podendo tais actividades ser utilizadas como acções interdisciplinares de sensibilização para o Património Cultural Local.

Penso que desta forma, estimulando a pesquisa e o encontro dos seus utilizadores originais, se poderá contribuir para uma mais correcta contextualização do ensino do Latim. Por outro lado, pela utilização dos dados de natureza arqueológica desenvolvem-se estratégias de "reconhecimento" do legado Clássico, eventualmente menos abstractas que as actualmente utilizadas. Finalmente, acentuar-se-á a ligação entre o corpo discente e o seu meio físico e cultural, numa perspectiva inter e pluridisciplinar, com evidentes vantagens formativas.

Bibliografia genérica de enquadramento

Revelam-se de extrema utilidade os livros da série *A Vida Quotidiana*, publicados originalmente pela Hachette, de que se encontram algumas traduções portuguesas na Editora Livros do Brasil.

Mais interessantes, porque portadores de perspectivas mais recentes e inovadoras, são as diversas séries de volumes temáticos publicados pela editora Seuil, designadamente a *Histoire de la Famille* ou a dedicada à *História da Vida Privada*, com tradução portuguesa editada pela Afrontamento, 1989. Embora respeitando concretamente à França, afigura-se vantajosa a utilização das séries *Histoire de la France Rurale* e *Histoire de la France Urbaine*. Todas estas séries têm volumes consagrados ao período Clássico e são sempre profusamente ilustradas.

Para as temáticas específicas da Cidade e do Exército, revelam-se úteis e acessíveis os livros de D. Macaulay *A Cidade. Planificação e Construção de Uma Cidade Romana*, ed. portuguesa, D. Quixote, 1978 e o de P. Connoly *O Exército Romano*, edição portuguesa, Atica, 1978.

Bibliografia para Portugal

Naturalmente, aconselha-se, em primeiro lugar, as sínteses mais recentes, respectivamente:

ALARCÃO, J. (dir.) *História da Arte em Portugal. Do Paleolítico à Arte Visigótica*, Lisboa, Alfa, 1986 (com contributos de J. Alarcão, J. M. Bairrão Oleiro, Vasco de Souza e Theodor Hauschild).

Idem Portugal das Origens à Romanização, Lisboa, Presença, 1990 (com contributos de J. Alarcão e J. d'Encarnação).

ALARCÃO, J. *O Domínio Romano em Portugal*, Mem Martins, Europa-América, 1988.

SARAIVA, J. *Hermano História de Portugal*, Lisboa, Alfa, 1983 (com contributos de A.C. Ferreira da Silva, Rui Centeno, José Costa Pereira, Joseph Salrach, Armando de Castro, F. A. Mendes Magro e Pedro Barbosa).

Para a abordagem que se sugere neste texto, resulta particularmente interessante a obra de Jorge Alarcão *Roman Portugal*, Warminster, Aris & Philips, 1988. Trata-se de um obra composta por dois volumes e uma caixa com mapas. O primeiro é a versão inglesa de *O Domínio Romano...*, acima citado; o segundo é constituído por um extenso inventário bilingue (inglês e português) de sítios arqueológicos do período romano do actual território português, apresentando-se, para cada um, um pequeno texto, acompanhado pela respectiva bibliografia. Todos os lugares citados aparecem cartografados nos mapas que acompanham a obra.

Pelas suas características, este *Inventário* constitui um excelente guia de referência para a identificação e reconhecimento das diversas realidades do período romano no nosso território. Será, por isso mesmo, o guia ideal para as abordagens que foram sugeridas. Como cada sítio é acompanhado por um conjunto de referências bibliográficas, torna-se possível o posterior aprofundamento do seu estudo.

Serviços do Departamento de Arqueologia do IPPC

O Departamento de Arqueologia do Instituto Português do Património Cultural tem sede em Lisboa, onde funcionam os serviços centrais e a divisão de inventário e carta arqueológica nacional. Dispõe, ainda, de três delegações regionais, sediadas no Porto, Coimbra e Évora. Os respectivos endereços são:

Serviços Centrais do Departamento de Arqueologia e Divisão de Inventário
Palácio Nacional da Ajuda
1300 LISBOA

Divisão de Arqueologia da Região Norte
Rua António Cardoso, 175
4100 PORTO

Divisão de Arqueologia da Região Centro
Rua Pedro Monteiro, 100
3000 COIMBRA

Divisão de Arqueologia da Região Sul
Rua de S. Catarina, 3
7000 EVORA

Sublinhe-se, uma vez mais, que os Serviços Autárquicos, sempre que existam, constituem o principal órgão de informação e colaboração a que o docente pode recorrer.

Referências do Texto

FEBVRE, Lucien 1977: *Combates pela História*, Vol. II, Lisboa, Presença.

VEYNE, Paul, 1989: *O Inventário das Diferenças. Lição inaugural no Colégio de França*, Lisboa, Gradiva.